

AOS MEUS AMIGOS E CURVELANOS, peço um longo perdão.

(Eu, mesmo, é que não me perdo)

Tão bom pudesse vir até aqui: linda e significativa a ocasião, simpático o interesse, generosa a expectativa, enfim, honroso e magnífico o convite – tudo tão a favor! - ...e eu não pude, não posso, não estou podendo estar com Vocês.

Só por causa de um reles senão, de mera circunstanciazinha contra, de uma fada má ou menos concorde. Só por um pormenor negativo de saúde. Creiam-me, séria, sinceramente. Pois, o castigado, sou eu.

Mas, isto só tem a ver com o físico, com o pesado corpo, o arcabouço da matéria ingrata – que, a imaginação ajudando, poderemos dispensar, sem maior esforço de abstração. Porque, o João Guimarães Rosa, coração e espírito, este veio. Aqui está. Ou, melhor, também não veio, agora, porque aqui já estava, daqui nunca se ausentou, aqui sempre e apegadamente permaneceu. Meus livros não o comprovam? Em todos eles, o CURVELO vive, Curvelo se faz presente, como se fosse bem um de seus centros – sede, núcleo, pólo de cristalização de sua área de paisagens: “cidade capital” da minha literatura.

Este Curvelo projeta-se na minha infância, com um prestígio exato e quase mítico. “Era uma vez o Curvelo...” – poderia resumir. (Era e é, graças a Deus – por favor corrijam-me, já que a cidade cresce e floresce, avançadamente, por indetenível imperativo, dos de constatação mais animadora: de quando o sertanejo empreende e o sertão sabe realizar!) Porque sempre senti o Curvelo indissolúvel de CORDISBURGO, como se jamais os dividisse o nosso bonito e quieto ribeirão da Onça, que eu tantas e pressurosas vezes transpunha, para ir em inesquecíveis passeios a território já curvelano, à Fazenda da Ponte, do memorável Sérgio Correia, ou à Fazenda do Remanso, do meu amigo Oliveiro de Oliveira Tôres e sua gente querida.

Depois, pelos contactos, dos mais afetuosos e válidos, com filhos desta terra – de mulheres encantadoras e de homens corajosos e francos – descobri que neles se marcava realmente o sinal, a característica, inconfundível, de um tom, uma tônica, uma aura Curvelana. De onde vem? Se do ar, da água, de irradiações telúricas, da incomparável luminosidade de tôda esta nossa região – a gente não sabe. Isto acontece. Confere-se, apenas, e basta.

Mais tarde, ainda, andando por outros lados, por este mundo de Deus grande, aprendendo a me lembrar melhor daqui, sempre me convenci, mais e mais, disso. Com muito cerne e ramos longos, Curvelo é uma árvore de afirmação no meio de Minas Gerais. Cidade feliz, de gente positiva, inteligente, forte: de espírito aberto e de coração no lugar. Daí, haver também uma alegria de ser curvelano; mesmo mais: um orgulho, justíssimo.

Por tudo – pelo dito e pelo que as palavras não me ajudam a expressar – estou hoje reconhecido a Santo Antônio do Curvelo, e a Vocês, curvelanos. Muito.

A dois amigos de prazerosa confiança – meu tio Vicente (“Vovô Felício”) Guimarães, e meu companheiro Embaixador Edmundo Barbosa da Silva – pedi que, falando, falem também de minha fidelidade e saudade. Através deles, sairei melhor servido.

Pois, esta mensagem, aqui é tão-somente o abraço, apertado e grato, que eu queria dizer festivamente a Vocês, na “Semana da Comunidade”.

Guimarães Rosa

Livro: Joãozito Infância de João Guimarães Rosa
Autor: Vicente Guimarães